

# DELINEANDO POSICIONAMENTOS DE GÊNERO EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DE OFICINAS DE BRINCADEIRAS

## OUTLINING GENDER POSITIONING IN THE CONTEXT OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION FROM THE PLAY WORKSHOPS

Ericka Marcelle Barbosa de Oliveira 1  
Lenira Haddad 2

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade Federal de Alagoas (PPGE/UFAL), na linha de  
pesquisa Educação, Culturas e Currículos. Mestra em Educação pelo PPGE/  
UFAL, na linha de pesquisa Processos Educativos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1907721146601579>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5345-9910>.  
E-mail: [erickamarcelle2@yahoo.com.br](mailto:erickamarcelle2@yahoo.com.br)

1

Professora associada da Universidade Federal de Alagoas,  
pesquisadora associada do Centro Internacional de Estudos em Representações  
Sociais e Subjetividade e Educação (CIERS-ed) da Fundação Carlos Chagas,  
membro do Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade  
de Évora. Professora e orientadora do Programa de Pós-graduação em  
Educação da UFAL e líder do Grupo de Pesquisa "Educação Infantil e  
Desenvolvimento Humano". Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2781919765100738>.  
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3588-2846>.  
E-mail: [lenirahaddad@gmail.com](mailto:lenirahaddad@gmail.com)

2

**Resumo:** O presente artigo discute posicionamentos de gênero construídos por crianças de 4, 5 e 6 anos em contexto de educação infantil, a partir da utilização de uma estratégia metodológica denominada de "oficina". É dado destaque a duas oficinas de brincadeiras temáticas, nas quais as crianças foram divididas em dois grupos de gênero e lhes foi apresentada a proposta de brincarem de família com personagens masculinos e femininos tais como pai, mãe, filho e filha. Tal estratégia mostrou-se relevante para evidenciar e compreender como meninos e meninas se posicionam diante de uma situação que demanda a assunção de um papel social ligado a um gênero oposto àquele com o qual se identificam. Constatou-se diversas estratégias utilizadas pelas crianças, sobretudo pelos meninos, para não assumir o papel do gênero oposto, indicando negociações de sentidos sobre o masculino e o feminino que atuam no processo de construção de suas identidades de gênero.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Pesquisa com crianças. Gênero. Oficina.

**Abstract:** This article discusses gender positionings constructed by 4, 5 and 6 year olds children in the context of early childhood education, using a methodological strategy called "workshop". Two thematic play workshops are highlighted, in which the children were divided into two gender groups and were presented with the proposal to play family with male and female characters such as father, mother, son and daughter. This strategy was relevant to highlight and understand how boys and girls stand in a situation that demands the assumption of a social role linked to a gender opposite to the one with which they identify. It was found several strategies used by children, especially boys, not to assume the role of the opposite gender, indicating negotiations of meanings about male and female that act in the process of building their gender identities.

**Keywords:** Early Childhood Education. Research with children. Gender. Workshop.

## Introdução

Considerando o gênero como uma categoria social e cultural, neste estudo compreende-se também o gênero (ser masculino ou feminino) como algo que os sujeitos “fazem”, que é socialmente construído, e não algo que eles “tem”, naturalmente. Assim, “feminino” e “masculino” são produtos de eventos culturais, “que podem ser denominados como um ‘processo de atribuição de gênero’, ao invés de ser definido como um conjunto de características, de comportamentos, ou mesmo, de atributos físicos” (BUSS-SIMÃO, 2012, p. 197).

Essa perspectiva se apoia na expressão *doing gender* utilizada por West e Zimmerman (1987, p. 126), que adotam uma visão distintamente sociológica do gênero como uma produção de “rotina, metódica e recorrente”, que é realizada tanto por mulheres quanto por homens e cuja competência como membros da sociedade os torna refém dessa produção. “Com base nessa prerrogativa, o gênero de uma pessoa não é, simplesmente, um aspecto do que se é, mas, mais especificamente, é algo que se faz, e se faz recorrentemente e em interação com os outros” (BUSS-SIMÃO, 2012, p. 195).

Tornar-se um sujeito feminino ou masculino, como aponta Louro (2013), não é algo que aconteça de uma vez por todas, mas que implica uma construção que, efetivamente, nunca se completa. Gênero não é algo que se “deduz” de um corpo, naturalmente. É o discurso, a nomeação e a designação de um corpo como macho ou como fêmea, como masculino ou feminino que faz esse corpo.

Desde a infância, as expectativas para os meninos são diferentes das expectativas para as meninas a partir dessa diferenciação relacionada ao sexo masculino e ao sexo feminino. Nessa perspectiva, Louro (2008) destaca que a declaração “É uma menina” ou “É um menino”, anunciada quando se descobre o sexo de uma criança que está para nascer, é um ato de caráter performativo que compromete o sujeito com um processo de masculinização ou de feminização. Esse anúncio pode ser compreendido como uma espécie de “interpelação fundante”, que precisa ser reiterada por várias instituições, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado.

Os sujeitos passam, então, por um processo de socialização diferenciado em função de seu sexo, desde o nascimento, trazendo inscrições para a suas vidas que os diferenciam em feminino e masculino. Um grande investimento vai ser empreendido para confirmar tal nomeação, pois ela não está absolutamente garantida. Precisar ser repetida, citada e recitada incontáveis vezes, nas mais distintas circunstâncias. E poderá, igualmente, ser negada e subvertida, pois, assim como uma viagem, o devir pode tomar muitas direções, e o terreno do gênero é escorregadio e cheio de ambivalências (LOURO, 2008; 2013).

Willian Corsaro considera que as análises das relações de gênero realizadas pelas feministas forneceram uma lente para aquilo que Thorne (1987, *apud* Corsaro, 2011, p. 15) chamou de “reenquadramento infantil”, resultando em importantes estudos recentes sobre as crianças, gênero e identidades. Ou seja, novas formas de conceitualização de crianças na sociologia foram construídas a partir dessa perspectiva e também da ascensão de perspectivas teóricas interpretativistas e construtivistas. Para o teórico, as suposições sobre a gênese de tudo, das amizades aos conhecimentos científicos, são cuidadosamente investigadas como construções sociais, em vez de serem aceitas simplesmente como consequências biológicas ou fatos sociais evidentes.

Isso significa que a infância e todos os objetos sociais (incluindo aspectos como classe, gênero, raça e etnia) são vistos como sendo interpretados, debatidos e definidos nos processos de ação social. Em suma, são vistos como produtos ou construções sociais (CORSARO, 2011, p. 19).

Corsaro (2009) considera que as expectativas de gênero não são simplesmente inculcadas nas crianças pelos adultos, mas sim desafiadas, refinadas e socialmente construídas pelas crianças nas interações com adultos e entre si.

Assim, considera-se que as crianças ressignificam esses elementos em suas práticas e em seus discursos, também na educação infantil. O contexto educacional torna-se, portanto,

um espaço imerso em significações culturais, onde uma amplitude “de conhecimentos socio-culturais pode ser produzida, exibida e interpretada” (CORSARO, 2011, p. 32).

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa (AUTOR) mais ampla que buscou subsidiar reflexões em torno do processo de construção das identidades de gênero das crianças em contexto de educação infantil, trazendo a criança como interlocutora desse processo. Caracterizada como uma pesquisa com crianças, buscou investigar como o gênero, o ser menino e ser menina é vivido, significado e representado pelas crianças, quais conhecimentos, saberes e elementos sociais e culturais são atuantes nesse processo de construção do gênero e como as crianças usam o que sabem e aprendem sobre esses elementos nas interações e relações sociais que estabelecem com seus pares e com os adultos em contexto de educação infantil. Para tal, utilizou de estratégias metodológicas denominadas de “oficinas” como fonte de geração de dados, conforme veremos mais adiante.

### Identidade e posicionamento de gênero pelas crianças

Em busca de compreender como as crianças experimentam o processo de fazer gênero, na perspectiva das crianças, duas etapas propostas por Jordan (1995, apud Buss-Simão, 2013) são consideradas: a adoção de uma *identidade de gênero*, e a *negociação de posicionamento de gênero* pelas crianças.

Sobre a adoção de uma identidade de gênero, apoiada em pesquisas sobre gênero na primeira infância (BUSSEY, 1986, apud JORDAN, 1995; CAHILL, 1986), Buss-Simão indica a idade de dois e três anos como uma idade em que se dá essa construção de si pelas crianças.

Sem pretensão de generalizações e tendo em conta a importância de relativizar os graus de abrangência dessas etapas, esses estudos apontam que nessa idade as crianças já conseguem se definir como pertencentes a um determinado gênero (BUSS-SIMÃO, 2013, p. 180).

Sobre os estudos de Cahill (1986, apud BUSS-SIMÃO, 2012, p. 198), a autora destaca:

Cahill conduziu diversas pesquisas com crianças pequenas objetivando identificar as possíveis relações entre aquisição da linguagem e aquisição da identidade de gênero. As indicações de Parsons de que as categorias idade e gênero são as que mantêm a continuidade da estrutura social levam Cahill (1986, p. 299) a afirmar: “É provável, portanto, que o sexo e a idade sejam as primeiras dimensões de classificação identitária que as crianças aprendem”. Sendo que, desde cedo as crianças são confrontadas com pelo menos dois gêneros na organização social e, sendo bebês, são constantemente diferenciadas dos adultos.

Conforme a referida autora, essas pesquisas também mostram que, mesmo tendo adquirido uma identidade de gênero, as crianças nessa idade ainda estão muito longe de ter uma noção do posicionamento social implicado em pertencer a um determinado gênero.

O *posicionamento de gênero* seria uma segunda etapa do processo de construção do gênero, à qual Jordan (1995, apud BUSS-SIMÃO, 2012) refere-se como uma construção de noções acerca dos comportamentos que são apropriados para membros de um determinado grupo de gênero. Embora as crianças se considerem irrevogavelmente como pertencentes a um determinado gênero, essas noções de *posicionamento* não estão ainda consolidadas pelas crianças, e assim vão sendo desenvolvidas e construídas por elas ao longo do tempo, a partir

de suas participações em variadas situações e contextos sociais. A respeito, Buss-Simão (2013) destaca novamente a pesquisa de Cahill:

Também Cahill (1986) enfatiza que a compreensão das crianças de sua identificação de gênero se dá **ao longo da vida** e não é baseada em seu conhecimento das coisas físicas e biológicas [genitália], *per se*, mas é baseada no seu conhecimento da linguagem de identificação social e cultural que caracteriza a sociedade na qual nascem (BUSS-SIMÃO, 2013, p. 180, grifo nosso).

Buss-Simão (2012, p. 199) esclarece que o conceito de *posicionamento* foi utilizado pela primeira vez por Walkerdine (1981) e Davies (1989) sendo compreendido como possíveis formas de ser. Do ponto de vista dos autores, essas interpretações e posicionamentos, ou as formas possíveis de ser, foram relacionados, principalmente, ao poder e à dominação, portanto, relacionadas ao gênero.

Ferreira (2003) também se utiliza do conceito de *posicionamento* como uma noção para se compreender como as crianças, nas práticas sociais estabelecidas entre si e também com os adultos, interpretam o mundo em termos de um conhecimento de gênero e são capazes de se posicionar de variados modos dentro de um conjunto de discursos e práticas, em conformidade mas também em oposição às formas como os outros as posicionam.

Dessa forma, o conceito de *posicionamento* para descrever o gênero nas relações sociais entre pares em contexto de educação infantil torna-se uma noção essencial para compreender que as formas possíveis pelas quais as crianças, ao longo de sua infância, constroem e assumem o gênero, não decorrem de uma inerência biológica concreta ou de uma inerência social abstrata, mas sim de confrontos e jogos em ações situadas, múltiplas, complexas e dinâmicas (FERREIRA, 2003).

Por serem dicotômicas e contraditórias, algumas vezes, as crianças se tornam resistentes e desafiam a imposição de estereótipos, noutras vezes, atualizam, reproduzem e acentuam esses mesmos estereótipos. Até porque, esses *posicionamentos* são inseparáveis das diferentes posições relativas de poder e dominância que as crianças, entre pares, ocupam nas relações sociais em que se cruzam categorias como gênero, idade, classe social, etnia, etc. (BUSS-SIMÃO, 2012, p. 199, destaque da autora).

Diante de tais questões, Buss-Simão (2012) indica que nesse processo de negociações de *posicionamento* de gênero, as crianças procuram em si, e sobretudo nos outros, o reconhecimento de artefatos materiais, como vestimentas, cortes de cabelo, linguagens, gestos, cosméticos, bijuterias etc., referentes ao gênero em questão. Estes atributos de gênero são como “marcas” da construção de gênero, que ocorrem também por meio da linguagem, tais como nomes, títulos, formas de tratamento e pronomes.

Com efeito, autora aponta que a ideia de pertencimento de gênero de uma pessoa é um atributo que só pode ser mantido por meio desses artefatos culturais sexualmente marcados.

### Aspectos metodológicos

Participaram da pesquisa 13 crianças de uma instituição de educação infantil da cidade de Maceió/Alagoas na faixa etária de 4, 5 e 6 anos, sendo cinco meninos e oito meninas, de uma instituição pública de educação infantil da cidade de Maceió, Alagoas.

O destaque dado para a agência das crianças, por meio da valorização do que elas fazem, do modo como falam, sentem e pensam (ROCHA, 2008), justifica-se pelo reconhecimento

e assunção das crianças como seres competentes para a ação, para a comunicação e a troca cultural.

Ouvir as crianças permite-nos confrontar e conhecer um ponto de vista diferente daquele que nós adultos seríamos capazes de ver e analisar no âmbito do mundo social ao qual pertencemos. Ao mesmo tempo, a investigação *com* crianças nos coloca inúmeros desafios, principalmente se consideramos as distâncias entre adultos e crianças, e por isso a geração de procedimentos metodológicos deve ser um processo criativo, que possibilite encontrar vários modos de expressão, conhecimentos e interpretações das crianças (DELGADO; MÜLLER, 2008).

É neste sentido que a utilização dos recursos metodológicos denominados de “oficinas” possibilitou captar a perspectiva das crianças participantes deste estudo no que tange ao conhecimento, usos e significados de gênero construídos e vivenciados por elas no contexto pesquisado.

Conforme Maynard e AUTOR (2016), as oficinas são um procedimento de pesquisa que consiste em sessões videogravadas, nas quais um ou mais grupos de crianças, concebidos como parceiros privilegiados (CARVALHO; PEDROSA, 2002), são convidados a participar de uma situação específica em um ambiente estruturado previamente com materiais diversos, no contexto institucional educacional do qual participam diariamente.

As oficinas são inspiradas em pesquisas vinculadas ao Laboratório de Interação Social Humana da Universidade Federal de Pernambuco (LabInt-UFPE) e vêm sendo utilizadas como estratégia metodológica pelo Grupo de Pesquisa Educação Infantil e Desenvolvimento Humano da Universidade Federal de Alagoas (GPEIDH) UFAL, desde o ano de 2010, para a realização de pesquisas com crianças, a exemplo das investigações de Maynard (2010; 2017), Oliveira (2015) e Ferreira (2016).

O recurso da videogravação tem sido utilizado para registrar os dados gerados nas oficinas seja de brincadeiras ou de conversas com as crianças. Conforme Maynard e Oliveira (no prelo, 2020), tal recurso se consagra como um importante instrumento por possibilitar ao pesquisador um olhar mais aprofundado sobre o contexto investigado, pois é possível visualizar e recorrer aos dados por diversas vezes, redirecionar o olhar, atentar para falas, expressões e ações das crianças.

Tendo em vista a necessidade do cruzamento de procedimentos de escuta para compreender *como* o processo de fazer gênero é vivido pelas crianças e *como* as crianças se utilizam de conhecimentos do que é ser menino e do que é ser menina nas relações estabelecidas com seus pares e também com os adultos, foram realizadas quatro tipos de oficinas: de brincadeiras, realizadas em um ambiente estruturado com brinquedos distribuídos em áreas de interesses como casinha, brinquedos, beleza e fantasias; de conversas com as crianças sobre as brincadeiras realizadas; de conversas a partir de cenas do filme “O menino do vestido cor de rosa”; de conversas a partir de imagens de homens e mulheres em situações que contrariavam estereótipos de gênero.

Em seis oficinas de brincadeiras, as crianças foram convidadas a brincar livremente na sala. A primeira oficina foi realizada com a participação de apenas um grupo misto, dado o número de crianças presentes na instituição no dia dessa oficina. Da segunda a sexta oficinas, a participação das crianças foi dividida em dois grupos mistos compostos por três, quatro, cinco ou seis crianças. Na sétima oficina, a proposta foi a brincadeira temática de família com a indução de papéis pela pesquisadora. Foi apresentado a dois grupos de crianças (só meninas e só meninos), a sugestão de brincarem de família a partir de personagens como: “mãe”, “pai”, “filho” e “filha”. Todas as oficinas de brincadeiras ocorreram no espaço da Brinquedoteca da instituição, reestruturada para esta finalidade com áreas de interesse como “casa”, “beleza/fantasias” e “brinquedos”, com artefatos que fossem convidativos à brincadeira de faz de conta, sendo alguns dele culturalmente marcados como voltados para determinado gênero.

Neste artigo, analisamos dois episódios que emergiram a partir da realização das sessões de oficinas de brincadeiras temáticas de família com papéis induzidos, sendo o primeiro composto de duas cenas, relacionado à oficina com os meninos, e o segundo, referente à oficina com as meninas.

Esse procedimento foi originalmente utilizado na pesquisa de Pereira e Pedrosa (2016),

que propôs oficinas de brincadeiras em que as crianças brincassem de casinha com quatro personagens previamente definidos: um pai, um filho, uma mãe e uma filha. O objetivo era analisar, em situação lúdica, as concepções de gênero de crianças de 3 e 4 anos a partir da negociação de papéis femininos e masculinos a serem realizados na brincadeira.

Seguindo as indicações das autoras, concebendo a criança como intrinsecamente motivada para o brincar, tinha-se a expectativa de que ela iria “enfrentar e negociar os conflitos advindos dessa regra que exigia a indicação dos personagens como condição para iniciar a atividade lúdica” (PEREIRA; PEDROSA, 2016). De modo algum ela seria forçada a brincar se não desejasse, mas a situação de assumir um personagem diferente de seu sexo poderia instaurar um conflito a ser resolvido.

Assim, esse foi um dos procedimentos de geração de dados usados na pesquisa em questão no intuito de verificar se os meninos e as meninas participantes aceitariam representar na brincadeira de faz de conta personagens ligados ao gênero oposto ao seu, e quais negociações, conflitos e posicionamentos de gênero se evidenciariam a partir dessa proposta.

Conforme assinalam Pedrosa e Santos (2009, p. 52), observar as crianças brincando com seus pares tem se revelado uma poderosa estratégia de investigação para descrever suas trocas interpessoais e buscar entender como reproduzem, assimilam, interpretam e produzem cultura. Carvalho e Pedrosa (2002) concebem o grupo de brinquedo como espaço privilegiado de informação onde esses processos ocorrem.

Os jogos de papéis, para Corsaro (2009, p. 34), permitem que as crianças experimentem como diferentes tipos de pessoas da sociedade agem e relacionam-se entre si, sendo o gênero, “as expectativas sobre comportamentos de meninas e de meninos e a forma como papéis são socialmente estereotipados por gênero”, um aspecto de grande importância para as crianças.

## Negociando posicionamentos de gênero

Jordan (1995) argumenta que as pressões para as crianças agirem em conformidade com seu gênero é muito mais forte para os meninos do que para as meninas, e que para os meninos a necessidade de serem “não femininos” é mais imperativa do que para as meninas serem “não masculinas”.

O episódio a seguir de uma sessão formada pelos meninos, apresentado em duas cenas, evidencia essa proposição.

### Episódio 1

#### Cena 1 - “Definindo personagens familiares entre os meninos”

**Crianças envolvidas no episódio<sup>1</sup>:** James (5,8), Olavo (5,8), Carlos (5,11), Adson (6), Joel (5,5)

**Pesquisadora:** *Aí nas brincadeiras, eu gostaria hoje que vocês brincassem de família [...]*  
*Aí tem que ter: o pai...*

**Olavo:** *A mãe!*

**Carlos:** *O filho!*

**Pesquisadora:** *O filho! E quem mais?*

**Adson** fala para a pesquisadora: *Você vai ser a mãe então!*

**Pesquisadora:** *Quem mais?*

**James:** *O irmão!*

**Pesquisadora:** *O irmão! O pai, a mãe, o filho e o irmão?*

**Adson:** *E o filho!*

**Pesquisadora:** *Certo!*

**Olavo:** *E o outro irmão!*

**Pesquisadora:** *Então são dois irmãos... O pai e a mãe, o irmão e o irmão.*

**Adson:** *E o filho!*

**Pesquisadora:** *E o filho! Quem é o pai?*

**Carlos** levanta a mão: *Eu! Eu não, eu não!*

**Pesquisadora:** *Quem vai ser o pai?*

**Olavo:** *Ê, eu não!*

**Pesquisadora,** para Olavo: *E você quer ser quem?*

**Adson:** *Eu quero ser o filho!*

**Olavo:** *Eu quero ser o filho.*

**Pesquisadora:** *Quem vai ser a mãe?*

**Olavo,** apontando para a pesquisadora: *Ela!*

**Carlos** também diz para a pesquisadora: *Você!*

**Pesquisadora:** *E por que eu??*

**Adson:** *Por que você é menina!*

**Olavo:** *Se nós é hõmi!!*

**Adson:** *Entao você é a mãaaae!*

**Olavo:** *E quem é a filha?*

**Pesquisadora:** *A filha vai ter que ser um de vocês, porque eu vou filmar e vocês vão brincar!*

**Carlos:** *A filha????*

**Adson,** para a pesquisadora: *Por que você não é a filha? Ah, vou não [ser] a filha. E deixe de onda, a filha não! Eu num vou ser gay não.*

**Pesquisadora:** *Tu não vai ser o quê?*

**Adson:** *Não vou ser gay!*

**Pesquisadora:** *Mas a filha tem que ser gay?*

**Carlos:** *Gay!*

**Joel:** *Eu sou o pai!*

**Pesquisadora:** *O Joel é o pai!*

**Adson,** para a pesquisadora: *E você é a filha!*

**Olavo:** *Eu sou o filho!*

**Adson** diz: *Só tem um jeito de você ser a mãe!*

**Pesquisadora:** *Porquê?*

**Adson:** *Porque você é a mulher!*

A sessão inicia-se com a pesquisadora informando que gostaria que os meninos brincassem de família, e para a brincadeira acontecer teria que haver os personagens. As crianças então dão continuidade às proposições da pesquisadora. Olavo indica que tem que ter a mãe, e Carlos cita o filho. Mas assim que a palavra mãe aparece, Adson logo delega esse papel para a pesquisadora. Os meninos falam outros papéis que eles acham que tem que haver na família: “dois irmãos, o pai, a mãe, o irmão, o outro irmão” e Adson complementa dizendo que tem que haver o filho.

Quando a pesquisadora pergunta quem vai ser o pai, Carlos e Olavo rejeitam de pronto esse papel. Diante da pergunta, “Então você quer ser quem?”, Adson e Olavo dizem que vão ser filhos. Ao serem perguntados novamente quem vai ser a mãe, Olavo volta a dizer que será a pesquisadora, reafirmando o que Adson disse anteriormente, e que também agora é afirmado por Carlos.

Diante da pergunta feita pela pesquisadora, “Por que eu?” dois argumentos são apontados: “porque você é mulher” e “porque a gente é hõmi”. Adson insiste em dizer que a pesquisadora vai ser a mãe. Olavo então contesta quem vai ser a filha. Nesse momento, a intervenção da pesquisadora, de que “a filha vai ter que ser um de vocês porque eu vou filmar e vocês vão brincar” devolve esse papel para eles. Carlos surpreende-se e Adson continua querendo convencer a pesquisadora a representar o papel feminino, sendo desta vez a filha. Adson utiliza-se da expressão que já fora expressa em episódios anteriores, de que ele não é gay. Em seguida, finalmente alguém se dispõe a assumir a figura do pai: Joel. Enquanto isso, os meninos continuam querendo que a pesquisadora seja a filha. Olavo assume que será o filho e Adson diz à pesquisadora que “só tem um jeito de ela ser a mãe”, o que pode ser interpretado como “só tem um jeito de existir a mãe, se ela for a pesquisadora”. Afinal, ela é a única mulher na sala, e,

dentre as pessoas presentes, a única que poderia assumir o papel feminino.

Essa situação se aproxima aos achados de Pereira e Pedrosa (2016), que evidenciam que as crianças buscam resolver esse conflito de assunção do papel do gênero oposto delegando-o a um adulto do gênero correspondente a ele, neste caso a pesquisadora ou pesquisador.

**Episódio 1**

**Cena 2 - “Negociando a assunção de personagens familiares entre os meninos”**

**Crianças envolvidas no episódio:** James (5,8), Olavo (5,8), Carlos (5,11), Adson (6), Joel (5,5)

**Carlos:** *Eu sou o filho! Não, eu sou o filho não, eu sou o irmão!*

**Pesquisadora,** para Carlos: *Mas você pode ser... a... mãe de brincadeira?*

**Adson:** *Eu não!*

**Joel:** *A mãe de brincadeira!*

**Pesquisadora:** *A mãe de brincadeira! Quem pode ser a mãe só de brincadeira?*

**Carlos** aponta para James: *O... James... ele é o irmão.*

**Pesquisadora:** *A mãe só de brincadeira, quem pode ser?*

**Carlos:** *Eu não! Você!*

**Pesquisadora:** *Mas eu vou ficar filmando, não vou ficar brincando, tem que ser um de vocês. Quem pode ser a mãe de brincadeira?*

**Carlos:** *Ahhh não! Então a gente não vai poder brincar de família!*

**Adson** fala para Carlos: *Então nós já vai... da brinquedoteca! Você, o Olavo, Joel [vão embora]... Fica só nós dois [aponta para Olavo].*

**Carlos:** *Não! [...]*

**Adson** aponta para Carlos, James e Olavo e diz: *Vai pra fora, vai pra fora, vai pra fora! Que eu só quero o Joel!*

**Olavo:** *É não!*

**Adson** fala para Olavo, numa estratégia de convencê-lo a representar um dos personagens femininos: *Não, que você não quer ser a filha! Num quer ser a mãe! O Olavo não quer ser a filha, o Olavo não quer ser a mãe!*

**Olavo** então fala: *Tá bom! Vou ser a filha vou ser a filha!*

**Carlos** dá risada.

**Adson** dá uma bronca nele: *Nem graça tem!*

**Pesquisadora:** *O Olavo vai ser a filha. Certo? Quem vai ser a mãe?*

**Adson:** *A mãe morreu!*

**Carlos:** *Eu vou embora!*

**Pesquisadora:** *Só de brincadeira, ser a mãe de brincadeira!!*

**Olavo:** *A mãe morreu!*

**Carlos:** *Ô tia!!! A mãe morreu!*

**Adson** fala para os meninos, usando novamente a estratégia para convencê-los a representar o papel feminino de mãe: *Ninguém não vem mais não pra cá. Eu vou até liberar meu pai pra, pra tirar esses brinquedo daqui.*

**Pesquisadora:** *E é? Por quê?*

**Adson:** *Porque o Carlos não quer ser a mãe! Olavo não quer ser a mãe...*

**Olavo:** *Não, que eu sou a filha!*

**Carlos:** *Já sei!! O Joel vai ser a mãe!*

**Joel:** *Não, eu quero ser o pai! [...]*

**Olavo:** *Tá bom!!! Eu sou a mãe e sou a filha, eu sou a mãe, tu é a filha!*

**Pesquisadora** fala para Carlos: *E você não pode ser a mãe nem de brincadeira!*

**Carlos:** *Não! [...] Porque eu sou menino!*

**Pesquisadora:** *Então, o que foi que aconteceu com a mãe dessa família? [...]*

**Adson** fala alto: *A mãe morreu! A mãe morreu!*

Após esse processo de negociação, os meninos iniciam as brincadeiras sem que haja assunção de papéis de família.



Em prosseguimento ao episódio, os meninos passam então a assumir os papéis. Carlos decide que será o irmão, e não o filho. A pesquisadora então lança uma estratégia de lembrar aos meninos que o papel da mãe é só de brincadeira. Adson continua negando essa possibilidade, e Joel considera a possibilidade dizendo que é só de brincadeira. Os meninos se recusam e Adson volta novamente o papel para a pesquisadora. Coloca-se então um impasse quando Carlos coloca como problema que eles não vão poder brincar de família. Ou seja, não vão poder brincar do que a pesquisadora está propondo. Adson parece associar o que Carlos sinalizou a ter que sair da brinquedoteca, apontando que tem os que vão embora e os que ficam. Adson decide quem vai sair e quem vai ficar, e parece que as crianças se perturbam com essa situação. Ele parece traduzir o impasse para Olavo da seguinte forma: “se você não quer ser filha, não quer ser mãe, não dá para brincar”, como se Adson quisesse realmente convencer Olavo de que se ele não quiser representar o papel feminino, ele vai para fora da brinquedoteca.

A decisão então de Olavo, de assumir ser a filha e depois ser a mãe, evidencia a motivação das crianças para a brincadeira. A ação do menino, nesse momento, sugere que essa decisão é tomada para que a brincadeira não acabe. O que parecia impossível (representar o papel feminino) passa ser possível pela vontade de brincar. Vygotski (1996) considera que o sujeito, motivado por algo, se coloca em movimento (pensa, fala, age) e toma consciência a partir do meio experienciado, passando a se envolver ativamente para a realização daquilo que está intencionado a fazer. Assim, com base no significado da situação, de que a participação na brincadeira poderia estar ameaçada, considerando também o valor que tem para essas crianças brincar nesse espaço, Olavo se propõe a ser a filha, a agir não apenas com base na sua percepção da situação, mas com base no significado dessa situação (Vygotski, 2007).

Os meninos resistem ainda à possibilidade de assumir um outro papel feminino, como o da mãe. Podemos interpretar que não caberia um segundo problema à situação, pois ao ter que assumir o papel de filha, um grande problema já foi resolvido por Olavo. Por isso os meninos seguem insistindo que a mãe “morreu”, e assim resolvem também essa questão.

Essa estratégia utilizada pelos meninos para exclusão de personagens referentes ao gênero oposto também foi observada nos achados de pesquisa de Pereira e Pedrosa (2016). Em uma oficina com os meninos, ao se questionar quem seria a mãe no grupo, um dos meninos responde que era uma boneca desenhada em uma lancheira presente no ambiente onde estava o grupo.

Dessa forma, tanto no estudo das pesquisadoras como na presente investigação, foi possível perceber estratégias e artifícios dos participantes “para não assumirem papéis do gênero oposto através de rearranjos da proposta da brincadeira (PEREIRA; PEDROSA, 2016, p. 59).

No caso das meninas, as negociações tomaram um rumo um pouco diferente, conforme veremos no episódio a seguir.

Episódio 2 - “Negociando personagens familiares entre as meninas”

**Crianças envolvidas no episódio:** Lia (5,10), Bibi (5,10), Soninha (5,9), Mariana (5,2), Lara (5,4), Liana (5,7), Nice (4,10)

**Pesquisadora:** [...] *Na família tem que ter essas pessoas aqui, ó! Tem que ter a mãe...*

As **meninas** dizem em coro: *O pai!*

**Pesquisadora:** *O pai...*

**Lia:** *O filho!*

**Nice:** *Eu sou a mãe!*

**Pesquisadora** continua: *A filha, tem que ter dois filhos e duas filhas [para que todas as meninas se envolvessem na brincadeira], o pai e a mãe.*

**Soninha** diz: *Eu posso ser a bebezinha?*

**Pesquisadora** diz: *Tem que ter dois filhos, duas filhas, o pai e a mãe.*

**Soninha** diz: *O pai, o pai, o pai morreu!*

**Lara** levanta a mão e diz: *Eu vou ser, eu vou ser a... [...] Eu vou ser avó!*

**Soninha** diz: *E quem vai ser o pai?*

**Pesquisadora:** *Quem vai ser o pai?*  
**Soninha:** *Eu vou ser a bebezinha [...] Eu sou a caçula!*  
**Pesquisadora:** *Então você é a filha! Quem é a mãe? [...]*  
**Bibi:** *Eu sou a mãe! [...]*  
**Nice diz:** *Eu quero ser!*  
**Bibi:** *Eu pedi primeiro, num foi tia?*  
**Nice:** *Óoo Bibi deixa eu ser!*  
**Bibi:** *Não!*  
**Pesquisadora:** *Quem quer ser o pai?*  
**Nice,** com voz de choro: *Eu num quero ser não, eu quero ser a mãe!*  
**Bibi:** *Mas eu já sou!*  
**Nice** cruza os braços, emburrada, e diz: *A Bibi não quer deixar!*  
**Soninha** diz: *O pa, o pai da mãe morreu! [...]*  
**Nice:** *Não não, Bibi não. Eu sou [a mãe]!*  
**Bibi:** *É não, eu sou!*  
**Nice** chora e **Bibi** diz: *Não, duas mãe, duas mãe!*  
**Pesquisadora:** *Vai ter duas mães?*  
**Meninas:** *É!*  
**Bibi:** *Um, um pouquinho de filha pra Nice e um pouquinho de filha pra mim.*  
**Pesquisadora:** *E quem vai ser o pai?*  
**Bibi:** *O pai morreu! [...]*  
**Mariana** fala, dando risada: *Não! O pai é invisível!*  
**Bibi:** *O pai é uma cadeira e coloca o negócio do pai aqui!* [Bibi faz um gesto com as mãos, como de vestir uma camisa].  
**A pesquisadora** ri e diz: *Mas, porque você, alguém não pode ser o pai?*  
**Nice:** *Eu não, pelo amor de Deus [...]*  
**Lara:** *O pai tem bigode!*  
**Lia levanta-se e diz:** *Eu sou o pai! [...]*  
**Pesquisadora:** *Ó, a Lia vai ser o pai, certo?*  
 As meninas riem.  
**Pesquisadora:** [...] *Tá faltando o filho! E quem vai ser o filho?*  
**Mariana:** *Eu vou ser a filha mais... mais velha! [...]*  
**Liana:** *Eu vou ser a filha corajosa!*  
**Pesquisadora:** *Vai ser a filha corajosa? Tá! E quem vai ser o filho? [...]*  
**Soninha:** *Não tem filho! [...]*  
**Lia:** *Que tal o filho ser um bebê?*  
**Pesquisadora:** *O filho vai ser quem? Uma de vocês pode ser o filho?*  
**Nice:** *Eu não, eu não quero! [...]*  
**Lara:** *Mas, mas, mas só que a mãe, a mãe, a mãe dá peitinho pro filho.*  
**Bibi** aponta para a boneca: *O filho vai ser aquela!*  
**Pesquisadora:** *O filho faz o quê?*  
**Lara:** *O filho mama, toma gogó! [...]*  
**Lia:** *Mas que tal o filho ser o Homem-Aranha?* [Lia pega outro boneco e diz]: *Que tal o filho ser esse?*  
**Bibi:** *Não, esse é muito feio! [...]*

Logo no início da cena, as meninas trazem personagens que vão além dos que seriam propostos na brincadeira. Em prosseguimento, Soninha pergunta quem será o pai, e a pesquisadora reitera a pergunta dela, mas as meninas estão ainda negociando os papéis e não respondem ao questionamento. Quando perguntado pela pesquisadora quem vai ser a mãe, Nice e Bibi ficam em disputa sobre quem vai assumir o papel. Ao contrário dos meninos, que não queriam ser o pai, as meninas disputam para querer ser a mãe. Já que as duas meninas estão em conflito, Nice chora. Para cessar o choro de Nice, Bibi dá a solução de ter duas mães

na brincadeira. A pesquisadora pergunta se vai ser isso mesmo e as meninas dizem que sim, o que leva Nice a parar de chorar e demonstra que ela gostou da saída que Bibi deu para resolver a questão das duas mães. Bibi então divide as filhas, um pouquinho de filha para uma e um pouquinho de filha para a outra.

Quando perguntadas sobre quem vai ser o pai, a primeira solução encontrada pelas meninas foi a de que o pai morreu, como dito por Soninha. Quando a pesquisadora insiste na pergunta, Bibi volta a lembrar à pesquisadora que o pai morreu. Essa estratégia utilizada pelas crianças para se livrar da assunção de um papel do gênero oposto já foi discutida no episódio anterior, aparecendo tanto na negociação das brincadeiras entre os meninos da presente pesquisa como nas negociações entre as crianças do estudo de Pereira e Pedrosa (2016).

No episódio em questão, outra solução trazida, dessa vez por Mariana, é a de que o pai é invisível. Nesse momento, Bibi, complementando a ideia de Mariana, providencia uma cadeira e faz o gesto de colocar um terno de “faz de conta” na cadeira. Assim, se resolveria o problema colocando uma veste representando a presença invisível do pai. No entanto, a pesquisadora volta a perguntar se alguém não poderia ser o pai. Nice diz que “*não, pelo amor de Deus*”. Já Lara traz uma outra solução: “*o pai tem bigode*”; e Lia encontra então uma outra solução: ela vai assumir o papel.

Após resolverem o problema do papel do pai, as meninas negociam e resolvem o problema filho, definindo que ele será um dos bonecos que há disponível na sala. Em seguida, as meninas partem para as brincadeiras.

Nas brincadeiras realizadas nessa sessão do grupo das meninas, como Bibi e Nice disputaram o papel de mãe, e acabaram acordando que elas duas representariam esse papel, assim que as meninas deram início à brincadeira de família, Bibi tratou de escolher suas filhas e também Lia como o pai delas.

A partir daí, Lia e Bibi agiram para compor o visual masculino do pai, vestindo [Lia com a roupa do Super-Homem, ação que desencadeou entre as meninas negociações das *noções* e *posicionamento* de gênero. Lara diz: “*Nunca vi, nunca vi menina vestindo essa coisa do... [super-homem]*”. Nesse momento, as “*marcas*” da linguagem na construção do pertencimento de gênero também aparecem na fala de Bibi, que demonstra uma certa confusão na utilização do pronome para se referir à Lia, “*transformada*” em pai: “*É, é, Ele vai ser, Ele, Ela vai ser o... pai!*”. Bibi ainda complementa, falando com a pesquisadora: “*Ô tia, ela tem que se, ela tem que, ela tem que fingir, né? Como é fingir se não vai ser um hõmi?*”

A pergunta feita por Bibi mostra-se muito interessante, pois demonstra o limite da solução dada por Lia de ela ser o pai. Vestir-se de homem é uma solução para brincar de ser o homem, mas a atitude causa um impasse. Chega um momento em que as meninas querem entender melhor o que e como tem que fingir. Será que a fala de Bibi, destacada anteriormente, quis expressar “*Como seria fingir ser pai, se Lia não é menino?*”, ou “*Como vai fingir que é homem sem estar vestida de homem?*”

Esse evento, mesmo tendo as meninas aceitado assumirem um personagem masculino, evidencia a dificuldade que é para as crianças assumirem um papel do gênero oposto, dado aos limites advindos do período de desenvolvimento em que se encontram na faixa etária investigada na pesquisa.

Em relação à pesquisa de Pereira e Pedrosa (2016, p. 59), quando uma das meninas assumiu o papel do gênero oposto, a menina destacou que era o “*pai de mentirinha*”, mesmo representando um personagem em situação de faz-de-conta. As pesquisadoras ressaltam que esse comentário não surgiu quando outros personagens do gênero feminino lhe foram atribuídos, tais como mãe, tia e filha.

Retomando as oficinas de brincadeiras das meninas relativas ao presente estudo, cabe trazer como informação complementar que, ao longo da sessão, Lia não permaneceu representando o papel de pai, justificando para a pesquisadora que as meninas riam dela. Ela parece ter ficado um tanto constrangida diante das risadas das meninas sobre a paródia de ser o pai. Quando Lia informa que iria abandonar o papel de pai no faz de conta, Liana prontamente diz que iria assumi-lo. Assim, ela troca o papel com Lia, veste a roupa do super-homem, calça os sapatos considerados masculinos para compor seu visual e representar a figura do pai, con-

siderando até ser o namorado de faz de conta da pesquisadora e das outras meninas. Mas depois, Liana abandona o personagem para brincar de ser a filha e maquiarse, juntamente com Mariana.

Contudo, a partir das análises realizadas, evidencia-se que as meninas foram além dos meninos na brincadeira, pois cumpriram à risca o trato com a pesquisadora, tendo assumido a brincadeira de família com a presença de todos os personagens citados e o personagem do pai, compartilhado entre duas delas. Já os meninos se demoraram na negociação com a pesquisadora para assumir o papel feminino, e mesmo Olavo tendo aceitado representar a irmã, eles não desempenharam os papéis decididos por eles durante a brincadeira, nem mesmo os que se relacionavam com o seu gênero.

### Considerações Finais

Os resultados das duas sessões de brincadeiras temáticas de família analisadas se aproximaram às proposições de Jordan (1995), de que a necessidade de os meninos serem “não femininos” é mais imperativa do que as meninas serem “não masculinas”, além de revelarem significações, noções e negociações de posicionamentos de gênero construídos pelas crianças.

No grupo formado pelos meninos, evidenciou-se negociação e estratégias para não assumirem personagens familiares relacionados ao gênero oposto. A decisão de Olavo em assumir o personagem da irmã parece ter sido tomada apenas como um artifício para garantir a brincadeira, pois durante o brincar, nem ele e nem os outros meninos representaram os personagens acordados, nem mesmo aqueles ligados ao gênero correspondente ao seu.

Já entre o grupo formado pelas meninas, na sessão de brincadeiras proposta, Lia aceitou representar o pai, vestindo-se inclusive com a roupa do Super-homem para compor o visual masculino, e, ao longo da sessão de brincadeira, ela trocou o personagem masculino com outra menina.

Todavia, é preciso considerar a faixa etária das crianças participantes desta pesquisa, entre 4, 5 e 6 anos, uma fase crucial para a construção de sua pessoa, e para uma compreensão mais completa sobre esse processo, seria necessário considerar outras variantes além da ação da cultura na construção de significados pelas crianças. A interlocução dos estudos sociais da infância com outros aportes, tais como a psicogênese da pessoa de Wallon, poderia enriquecer a compreensão do processo de se constituir menino e menina, vivido em meio a conflitos e oposições inerentes ao processo de construção da pessoa, pois as crianças na faixa etária em que se encontram os sujeitos pesquisados se veem às voltas com a definição das fronteiras entre o eu e o outro para a construção de um sentido de si.

Acerca das oficinas de brincadeiras temáticas de família, caracterizadas pela indução de personagens a serem representados, apesar de um certo desconforto sentido pela pesquisadora por ter insistido que as crianças, sobretudo os meninos, brincassem sob a “regra” de desempenhar personagens familiares do gênero oposto, do ponto de vista metodológico foi uma estratégia importante para evidenciar e compreender como se configura esse processo de construção de posicionamento de gênero pelas crianças na faixa etária de 4, 5 e 6 anos.

Importante porque objetivava evidenciar como é para as crianças, para os meninos e para as meninas, assumir o papel desse “outro” o qual, no processo de construção de identidade de gênero, tenta-se de todo modo diferenciar-se. Nesse sentido, pôde-se constatar as estratégias e negociações utilizadas pelas crianças para lidar com o conflito que é para elas, e sobretudo para os meninos, assumirem um papel, mesmo que na brincadeira, ligado a um gênero oposto àquele com o qual elas se identificam.

Destacamos que essas estratégias e negociações desenvolvidas pelas crianças, identificadas na geração de dados deste estudo, aproximam-se aos achados da investigação de Pereira e Pedrosa (2016). Nesse sentido, pôde-se constatar que o procedimento metodológico de “oficinas” adotado pelas pesquisadoras, e que serviu de inspiração para este estudo, permitiu-nos construir um percurso analítico profícuo para conhecer a construção de significados e conhecimentos de gênero pelas crianças.

Nos episódios analisados, tornam-se evidentes as proposições de Ferreira (2003), de

que o conceito de posicionamento para descrever o gênero constitui-se como uma noção essencial para analisar as relações que as crianças estabelecem entre si e com os adultos, pois as crianças recriam, negociam e atualizam sentidos sobre o gênero quando brincam, construindo e reinterpretando a cultura da qual fazem parte.

## Referências

BUSS-SIMÃO, Márcia. Relações sociais de gênero na perspectiva das crianças pequenas na creche. **Cadernos de Pesquisa**, v.43, n. 148, p. 176-197, jan./abr. 2013. Disponibilidade em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v43n148/09.pdf>. Acesso em 14. dez. 2014.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Relações sociais em um contexto de educação infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas**. 2012. 321 p. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012.

CARVALHO, A. M. A.; PEDROSA, M. I. Cultura no grupo de brinquedo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 1, jan. 2002, p. 181-188. Disponibilidade em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10966.pdf>. Acesso em 14. dez. 2014.

CORSARO, Willian A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. (Orgs). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.) **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRA, Manuela. **O trabalho de fronteira nas relações entre gêneros como processo estruturante de identidades homo e heterossociais de gênero ocorridas nas brincadeiras entre crianças em espaços de “brincar ao faz-de-conta” num JI**. 2003. Disponibilidade em: [www.fpce.up.pt/ciie/publs/artigos/fronteira.doc](http://www.fpce.up.pt/ciie/publs/artigos/fronteira.doc). Acesso em 08. nov. 2014.

FERREIRA, P. N. **“A gente tá fazendo um feitiço”**: cultura de pares e experiência estética no ateliê de artes plásticas em contexto de educação infantil. 2016. 199f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

JORDAN, Ellen. **Fighting Boys and Fantasy Play: The construction of masculinity in the early years of school**. In: *Gender and Education*, 1995. p. 69- 86.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Uma sequência de atos. **Cult**, São Paulo, v.185, Nov 2013. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/11/uma-sequencia-de-atos/>. Acesso em 20. jan. 2015.

MAYNART, R. C. **A brincadeira e o processo de constituição do eu-psíquico da criança**: implicações para a educação infantil. 2010. 152 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

MAYNART, R. C. **Brincadeira de família em contexto de educação infantil**: processos de significação e cultura de pares. 202 p. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

MAYNART, Renata da Costa. AUTOR. Pesquisa com crianças na educação infantil: reflexões metodológicas e implicações para a prática pedagógica. In: LOPES, Camila Ferreira da Silva et al (Orgs.). **Pesquisas contemporâneas em educação**. Curitiba: Editora CRV, 2020. No prelo. (v. 2).

MAYNART, Renata da Costa; AUTOR. **Oficinas de teatro de família**: reflexões/ressignificações metodológicas para o estudo de processos de significação de família em crianças. In: 5º Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias – GRUPECI. 2016, Florianópolis. Anais do 5º Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias – GRUPECI. UFSC, 2016. Disponibilidade em: <http://grupeci.ufsc.br/>. Acesso em 15. jun. 2019.

Oliveira, E. M. B. (2015). **Ser menino e ser menina**: construção de identidades de gênero em contexto de educação infantil. 2015. 189f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

CARVALHO, Ana Maria Almeida; PEDROSA, Maria Isabel. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia**: reflexão e crítica. 18(3), 2005. p. 431-442. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a18v18n3.pdf>> Acesso em 23. jan. 2014.

PEDROSA, Maria Isabel. SANTOS, Maria de Fátima. **Aprofundando reprodução interpretativa e cultura de pares em diálogo com Corsaro**. In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. (Orgs). Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

PEREIRA, Melina; PEDROSA, Maria Isabel. Brincadeiras de casinha e significações de gênero. **Revista Brasileira de Psicologia**, 03(01), Salvador, Bahia, 2016. p. 50-53. Disponibilidade em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revbraspsicol/issue/download/1841/471>> Acesso em: 15. dez. 2016.

ROCHA, Eloísa Alcires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.) **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

VIGOTSKY, L. S. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução de Zoia Prestes. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**. Rio de Janeiro, UFRJ, n. 8, abril, 2007. p. 23-36. Disponibilidade em: <<https://pt.scribd.com/doc/17391389/Vigotski-A-brincadeira-e-seu-papel-no-desenvolvimento-psiquico-da-crianca-traducao-Zoia-Prestes>> Acesso em 15. jul. 2015.

YVIGOTSKI, Lev S. \_La conciencia como problema de la psicología del comportamiento. In: **Obras Escogidas**: problemas teóricos y metodológicos de la Psicología. 1996. Disponibilidade em <<https://pt.scribd.com/doc/71312806/L-S-Vygotsky-Tom1-03-La-conciencia-como-problema-de-la-psicologia-del-desarrollo>> Acesso em 15. jul. 2015.

WEST, Candace; ZIMMERMAN, Don H. Doing Gender. **Gender and Society**, n. 2, 1987. p. 25-151 (v. 1).

(Footnotes)

- 1 Para preservar a identidade das crianças os nomes são fictícios.